

REFÚGIO DOS LORDES

Moisés Henrique de Mendonça Nunes ¹

INTRODUÇÃO

Quando Madame Antoinette renomeia o *randevu* paulista como “Refúgio dos Lordes”, nota-se que não somente o título da casa de prostituição possui uma significação ao lugar de descanso e a escapar das obrigações, sejam elas profissionais, morais ou até das normas sociais, mas também intitula a quem se destina esse espaço: ao homem. Em *Tieta do Agreste* (1977), romance no qual localiza o “Refúgio dos Lordes”, isso fica claro a partir dos personagens masculinos que compõem o cenário da política e indústria, no qual se acoitam no *randevu* para discutir as possibilidades de Santana do Agreste. Logo, a “casa da luz vermelha”, colocando-a sob um título popular, não só sinaliza a luxúria e o mercado do sexo, mas como um local a se discutir poder e política.

Todavia, tal menção se faz a rótulo, ou seja, uma contextualização da origem do título do ensaio, para implicar-se de outro modo: e se o Refúgio dos Lordes não fosse — somente — abrigo do sexo para homens, mas escapada para o prazer entre homens? E se os Lordes fossem justamente aqueles que não ousam dizer seu nome?

Assim, a partir de um movimento linguístico-literário, o texto promove uma leitura crítica e tece comentários sobre as possibilidades da feitura da masculinidade a partir da linguagem, como os homens se escrevem e até mesmo inscrevem, tendo em vista que o ensaio parte das considerações de um artigo do professor e pesquisador Luiz Paulo Moita Lopes (2020), ao analisar os encontros homoafetivos ou não, por meio de um aplicativo de paquera, e atravessa os escritos de Gasparino Damata.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

De cunho bibliográfico, o presente ensaio teve origem a partir do percurso das leituras e inquietações de realizar uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica/UNEB), que se objetivava tratar da linguagem enquanto campo de poder e política, em destaque aos direitos linguísticos e literários, momento no qual o ponderou-se do modo

¹ Doutorando do Curso de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade Estado da Bahia, Campus II – Alagoinhas/BA. E-mail: moises.h.mendonca@gmail.com.

como os sujeitos, em especial homens, utilizam de códigos e linguagens para se construir. Para isso, buscou escritos relacionados a gênero, masculinidade e sexualidade para se aprofundar sobre.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Evidencia-se que pela contemporaneidade, as relações se permeiam pelo virtual e constroem comunidades, usos e sentidos da linguagem, no qual as interações afetivo-sexuais entre homens são atravessados não somente pelo marcador de gênero e sexualidade, mas também de raça, no qual tensiona as performatividades escalares e pondera sobre a reocidentalização que retoma o sentido de controle e captura de vidas, sujeitos e corpos, pelo qual estão fora da dita norma, especificamente a: “colonizar e alienar os corpos dos negros, das populações LGBTIQ+, das mulheres, de certas nacionalidades, dos imigrantes, dos pobres, de certas religiões etc. em suas interseccionalidades, presentes na estabilidade dinâmica de nossos tempos” (Moita, 2020, p. 5-6).

Por aborda a reocidentalização que se considera como Luiz Paulo Moita Lopes (2020) se aproxima das considerações de Djalma Thurler (2018) em relação a ideia de *desaprendizagem*, no qual provoca um olhar atento as “falsas naturalidades” e “aparentes verdades” que precisamos estar atentos e mascaram como algumas convicções são retomadas de outras formas e que se faz presente não só em espaços políticos e institucionais, mas também no cotidiano e das relações desenvolvidas pelos sujeitos.

Assim, o aplicativo de paquera, no qual as pessoas têm um senso comum de ser algo fútil, agência um espaço de disputa de poder por meio da linguagem sobre o corpo ou dos sujeitos que são ratificados, em palavra e/ou imagem, como padrão e quais são excluídos. Destaca-se como os homens se reduzem e são reduzidos aos aspectos anatômico-fisiológicos, momento em que nota quais corpos podem sentir (ou ser) prazer(oso) e culmina no modo como constroem uma masculinidade cisheteronormativa e racista, tendo em vista que é no corpo do homem branco, com uma performance similar ao homem heterossexual, com pelos e pênis ser desejável, enquanto homens negros, homens trans, transmasculinos, gordos, afeminados e outros sujeitos dissidentes são objetificados ou fetichizados.

Através de Moita Lopes (2020) que há um despir ou desnudamento, no qual possibilita visualizar como se ecoa sujeitos-palavras e não ficam escondidos “atrás da moita”, em um trocadilho com o próprio sobrenome do autor, destacando sua maleabilidade e plasticidade. O

autor então permite considerar não só a materialidade do corpo masculino, mas *como* se materializa, em que possibilita olhar para o homem fazer seu corpo e imagem a partir da

linguagem em que se permeia um modelo binário, entre o aceito ou não, de “atentar para os signos e os significados que indexicalizam” (Lopes, 2020, p. 17).

Dialoga-se com isso ao sinalizar como gênero e sexo são construídos historicamente e houve uma naturalização da heterossexualidade como norma, no qual o homem, especificamente, é colocado a força, controle, virilidade e falo. Nesse sentido, que se detêm sobre o essencialismo dos homens que utilizam do determinado aplicativo de encontros a apresentar uma economia masculinista (Moita, 2020). Se por um lado cabe a crítica direta sobre modo como homem é construído e reflete uma cultura machista, violenta e naturalizada, por outro viés há de se olhar para os usos e sentidos das palavras em uma comunidade no qual seu espaço-tempo se faz outro, em um ambiente virtual e móvel, a se distinguir do mundo real, em que os costumes, gestos e corpos ganham predominância.

Articula-se então que os participantes do aplicativo, ao usar designações como “dotado” ou o *emoji* de berinjela para designar que tem uma *neca odara*; “passivo” ou o *emoji* de pêssago porque gosta de dar o *edi*, apresentam-se como estratégias que esclarecem o interesse dos participantes, em que o encontro seja mais rápido e objetivo, mas também dos modos como os homens se incorporam nesse espaço, de se verem e serem lidos. Logo, se há como considerar os usuários apresentarem a economia masculinista, também se reflete como se trata da reprodução de uma cultura e subjetividade hegemônica e de algum modo procura se reorganizar mesmo a partir de mudanças, sejam elas histórica, social e política.

Contudo, também se pondera como o uso da linguagem, a constituírem os sujeitos e seus perfis, destaca dois lados da performance, em seu sentido de atuação, como também da própria performance de gênero. Momento no qual rememora-se o escrito de Rodrigo Borba, “Falantxs transviadxs: Linguística queer e performatividades monstruosas” (2020), porque ao trazer o modo como mulheres cisgêneras a conviverem com travestis e mulheres trans prostitutas, apresentam uma outra performatividade que se faz nos gestos e na linguagem, ao adotar o pajubá/bajubá, observa-se o papel da linguagem enquanto performance.

No primeiro caso, a performance enquanto atuação, possibilita compreender como o homem se coloca sobre uma atuação do desejo. A exemplo do usuário que se intitula garoto de programa ou “gp”, que ao se valer do aplicativo de paquera como espaço de trabalho, também atua, tendo em vista satisfazer os interesses dos clientes. Por outro lado, há também de se pensar como o sujeito nesse aplicativo ratifica pelo que escreve e utiliza da linguagem para expressar o seu gênero. Nesse caso, vale a pena voltar para a cultura masculinista, no qual o corpo e

gênero do homem se constrói a partir do elemento fálico e a virilidade: “Corpo máquina de guerra e máquina de produção, que sabe concentrar, potencializar e aplicar sua força, sua violência, num dado alvo preciso” (Albuquerque Júnior, 2010, p. 27).

Como um personagem dos contos de Gasparino Damata, “Mas sou homem, e em homem nada pega” (Damata, 1975, p. 7) ou “Sou de mulher, como você mesmo sabe, e já dei prova disso várias vezes” (Damata, 1975, p. 7). Observa-se uma masculinidade que privilegia a heteronorma e de modo binário, coloca-se entre o “certo” e o “errado”. Alude-se a isso se levar em conta como possibilita encontrar homens e reafirmar uma masculinidade hegemônica. Às vezes ligado ao desejo por penetrar ou de expressarem o desejo por homem que se alinham ao padrão

Algo que corrobora no que Lopes (2020) chama a atenção sobre os preconceitos, em que outras masculinidades também habitam esse espaço, como no caso de homens trans, pessoas intersexos, pessoas não-binárias e homens com deficiência que nessas plataformas tem sua masculinidade questionada ou invalidada, quando não é o caso de, assim como homens negros, são hipersexualizados e fetichizados.

Embora possa tensionar a discussão com o pajubá/bajubá, no qual recaía sobre os usos e sentidos das palavras a comunidade LGBTQIA+ e cresce para um sentido político e de subversão, essa comunidade linguística no qual se faz nos aplicativos e se apropriam de algumas palavras do pajubá/bajubá, também não se limita para algo essencializado e até normativo, mas subverte ou constroem outras — ou novas — significações.

Além do mais, se o interesse em quem são ou o que desejam se faz tão prático e objetivo, nas redes, reverberar ao sentido de como encontrar alguém fora das telas, colocam-nos em posição de atenção e cuidado para não gerar algum desconforto ou alguma represália, no qual retoma até a repetição da violência enquanto estratégia de mascarar o próprio desejo homossexual.

Retoma-se isso através de textos literários, como no caso de “Paraíba”, conto de Gasparino Damata, em que o protagonista é um garoto de programa e ao ser descoberto busca explicar o porquê de fazer isso, como uma justificativa de que faz como uma obrigação, e questiona o outro, já que *seu Zé Orlando*, personagem que descobriu o trabalho do protagonista, “não é nenhum santo, que faz das suas. Ou pensa que não estou lembrado? E quem entra nesse cinema não vem só pra ver filme, quer também outra coisa. Ou vai querer negar? Sei que você se defende, faz seu programa aqui ou lá fora, como eu e tantos outros” (DAMATA, 1975, p. 7).

Pelo século XXI e as redes sociais, o encontro aparece de outra forma, no qual ocorre entre as palavras e as imagens. Se outrora a paquera estava predominantemente no corpo e no

seu sentido erótico, de se enebriar pelos atos e gestos, a contemporaneidade e o mundo *online* performam a palavra e a imagem, de algo similar ou condicionado ao que entendemos de pornográfico ou do sexo explícito.

A partir disso, destaca-se para uma consideração em paralelo ao sexo (a prática sexual) e as colocações de Paul B. Preciado (2022) sobre o dildo, no qual o prazer sexual não está atrelado especificamente a mecânica da reprodução sexual e do prazer genital, mas compreender outras formas de prazer, sejam por outras partes do corpo ou instrumentos de excitação, como o próprio dildo. Assim, esclarece-se que a prática sexual, pela contemporaneidade, se faz de outras formas, no qual não necessariamente precisa que duas ou mais pessoas estejam juntas fisicamente, mas o ato se faz de forma virtual, seja pela troca de fotos e vídeos, vídeo-chamada, brinquedos sexuais, como vibradores controlados remotamente e de sites que tem como objetivo o encontro sexual de forma online e anônima².

Não tão distante, a obra *Os solteirões* (1976), de Gasparino Damata, com personagens em sua maioria michês, não se nomeiam, mas utilizam de termos que aludem sobre si, em uma atuação de conseguir clientes, quando não é para os outros ou a exemplo de “Pernambuco”, personagem do conto “Módulo lunar pouco feliz”, e do conto “Paraíba” que intitula o protagonista, uma designação que possui um sentido pejorativo, como também reflete a não só destacar a origem do personagem, mas do imaginário sobre a masculinidade desses personagens nordestinos, como homens grosseiros, pobres e brutos, em distinção ao personagem “Gaúcho”, de “Módulo lunar pouco feliz”, apresentado como um personagem atento e malandro.

Ainda sobre o conto “Módulo lunar pouco feliz”, atenta-se àquilo que Moita Lopes (2020) coloca sobre as maleabilidades das significações, quando o personagem utiliza de “puto” para se referir aos homens. O termo geralmente contextualizado para homens que se prostituem, ganha outra significação quando subverte seu próprio sentido, ao se referir ao próprio cliente e uma forma de insultá-lo: “perder tempo com um puto que pelo jeito já devia estar brocha, talvez nem tivesse onde cair, porque esse negócio de roupa cara e anel no dedo no mais das vezes não quer dizer nada, é só tapeação” (Damata, 1975, p. 15).

Por outro lado, o protagonista do conto utiliza de termos que possibilita olhar para a forma como designa os sujeitos, a exemplo do cliente ser chamado de “pinta”: “gostava de deixar o pinta satisfeito, com vontade de repetir a dose, de querer sempre mais. Para o pinta poder dizer depois aos companheiros” (Damata, 1976, p. 16) ou “Era só o pinta dar parte de

² Exemplifica-se com *Flingster* ou *Cameraprive.com*, tendo alguns casos em que o criador de conteúdo virtual permite, a partir de determinado valor, o(a) cliente escolher os estímulos sexual no qual deseja assistir-participar.

fraco, o moleque ia logo tratando de montar em cima, mostrar que era homem” (Damata, 1976, p. 17).

Pode-se aludir a uma forma reduzida do sentido pejorativo para os homens gays (“ele dar pinta”), como também pode se ler enquanto uma forma de demarcar quais são clientes ou não. Por outro lado, destaco que as considerações de Moita Lopes (2020) a partir da racialidade no contexto do aplicativo de paquera também se reverbera em “Módulo lunar pouco feliz”, quando o personagem utiliza de “nego” para se referir a malandragem e criminalidade ou “crioulo” de forma pejorativa e evidência o racismo: “Não fazia programa com Pelé e nem com filho da puta de crioulo nenhum, para ele bastou ser crioulo para não prestar, todo crioulo era igual” (Damata 1976, p. 24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, a relação entre a construção do perfil dos participantes e suas descrições, não se faz neutra ou isolada, mas que repercutem não somente os interesses dos próprios homens, como também um reflexo de si e o imaginário hegemônico e naturalizado, no qual entra em tensão ao se deparar com o que se considera “indesejado”.

A linguagem enquanto um campo de disputa não somente sobre sexo, mas também sobre gênero e corpo, no qual ver-se através de uma masculinidade hegemônica que se cristaliza ou se realoca para permanecer como padrão, mas também ver-se as brechas que o texto permite olhar sobre o alargamento da linguagem e do corpo, esse que não se faz e produz passivamente, mas está em constante movimento, sob diferentes significações e diferentes espaços.

Palavras Chaves: Homem, Masculinidade, Sexualidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. **Gênero e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares. Campina Grande: EDUEPB**, p. 21-34, 2010. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/tg384/pdf/machado-9788578791193-02.pdf>. Acesso em 15 jun. 2025.

BORBA, Rodrigo. Falantxs Transviadxs: linguística queer e performatividades monstruosas. **Cadernos de linguagem e sociedade**, n. 21, 2020, p. 388-409.

DAMATA, Gasparino. **Os solteirões**. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

MOITA LOPES, L. P. da. Desejo na biopolítica do agora: performatividades escalares em um aplicativo de encontros homoafetivos. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 36, n. 3, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/52717>. Acesso em: 21 out. 2025.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

THÜRLER, Djalma. Sabedoria é desaprender. notas para a construção de uma política cultural das margens. In: SILVA, Gimima; PUGA, Lúcia; RIOS, Otávio (Orgs.). **Alfabetização política, relações de poder e cidadania: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018, p. 11-23.